



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

ESPELHOS MACHADIANOS – UM ROTEIRO PARA UMA SÉRIE DE TV

Bruna Aguiar Sampaio dos Santos

Rio de Janeiro/ RJ
2016.1

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

ESPELHOS MACHADIANOS – UM ROTEIRO PARA UMA SÉRIE DE TV

Bruna Aguiar Sampaio dos Santos

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Radialismo.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Franco Ferraz
Co-orientação: Prof. Aurélio Orth de Aragão

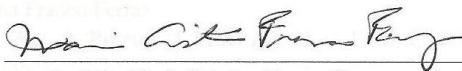
Rio de Janeiro/ RJ
2016.1

ESPELHOS MACHADIANOS – UM ROTEIRO PARA UMA SÉRIE DE TV

Bruna Aguiar Sampaio dos Santos

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo.

Aprovado por



Prof. Dr. Maria Cristina Franco Ferraz – orientadora



Prof. Dr. Mauricio Lissovsky



Prof. Dr. Fernando Souza Gerheim

Aprovada em: 29 de julho de 2016
Grau: 9,0

Rio de Janeiro/ RJ
2016.1

FICHA CATALOGRÁFICA

SANTOS, Bruna Aguiar Sampaio dos.

Espelhos Machadianos – um roteiro para uma série de TV/ Bruna Aguiar Sampaio dos Santos – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2016.1.

120 f.

Relatório Técnico (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2016.1.

Orientação: Maria Cristina Franco Ferraz

1. Machado de Assis 2. Série. 3. Roteiro. I. FERRAZ, M. C. F. II. ECO/UFRJ III. Radialismo
IV. Adaptação V. Conto

À cidade do Rio de Janeiro, que me acolhe desde
2005 e que mudou a minha vida.

O tempo é um tecido invisível

em que se pode bordar tudo,

uma flor, um pássaro, uma dama,

um castelo, um túmulo.

Machado de Assis

AGRADECIMENTO

À força inspiradora - Werbena; ao carinho constante - Ezequiel; ao amor atento - Eliaquim; à inspiração de cada dia - Mateus e Alfredo; às risadas inesperadas - tios e Sueli; à fuga acolhedora - Cathie e Elaine; à ajuda querida – Fabinho, Camila e Tacila; à generosidade dos experientes - Aurélio e Audemir; à empatia e à boa vontade - Louise; aos textos enriquecedores – Cristina; às críticas de quem se importa - Cynthia e Daniela; a Deus, fonte de todas as coisas, pela resiliência e esperança que me trouxeram aqui.

SANTOS, Bruna Aguiar Sampaio dos. **Espelhos Machadianos – um roteiro para uma série de TV**. Orientadora: Maria Cristina Franco Ferraz. Rio de Janeiro, 2016.1. Relatório Técnico (Graduação Comunicação Social, Habilitação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 120f.

RESUMO

Espelhos Machadianos - um roteiro para uma série de TV é um projeto de série de ficção dramática. A série conta a história de um renomado escritor brasileiro, Machado de Assis, que envia um misterioso livro, contendo alguns de seus contos permeados de pensamentos e questionamentos, ao século XXI. Mais especificamente, aos cidadãos de sua cidade natal, na qual vivera durante toda a vida, o Rio de Janeiro. Seu livro é uma forma poética de perpetuar uma conversa com a cidade, uma herança que deixa às gerações futuras. Em cada episódio, um personagem do século XXI lê um dos contos desse livro e, a partir dessa leitura, passa a ter uma nova leitura de sua própria vida, o que gera inesperados desdobramentos. Inspirada pela constante troca de cartas exercida pelo autor e em sua coletânea de contos, que narram histórias nos séculos XIX e XX, a série promove uma rica conversa entre duas gerações: as que vivem o presente e as que viveram o passado de uma mesma cidade.

Palavras chave: Machado de Assis, Espelhos Machadianos, série de TV, conto, adaptação, roteiro.

ABSTRACT

Espelhos Machadianos - um roteiro para uma série de TV is a project of a fictional dramatic TV series. The series tells a story of a famous brazilian writer called Machado de Assis wich sends a miterious book, containing some of his tales permeated with thoughts and questionings adressed to XXI century. More specifically, to the citizens of his hometown, in wich he lived during all his life, the city of Rio de Janeiro. His book functions as a poetically way of perpetuating a conversation with this city, is a heritage that he leaves to the future generations. In each series episode, a character of the XXI century reads one the book's tales and from this reading he begins to have a new perception of his own life, what generates unexpected consequences. Inspired by the constant correspondence practiced by Machado de Assis and by his selection of tales that narrates stories from the XIX and XX centuries, the series promotes a rich conversation between two generations: the one that lives the present and the one that lived in the past of the same city.

Keywords: Espelhos Machadianos, Machado de Assis, brazilian, tale, adaptation, TV series, script.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. MÉTODO DE TRABALHO.....	12
3. REFERENCIAIS TEÓRICOS.....	13
3.1. O MÉTODO GENEALÓGICO.....	13
3.2. MUDANÇA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES.....	14
4. CONCEBENDO A SÉRIE.....	17
4.1. MACHADO DE ASSIS.....	17
4.2. JUSTIFICATIVA.....	18
4.3. PÚBLICO-ALVO.....	19
4.4. SINOPSE.....	19
4.5. REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS.....	21
4.6. RELATO DO PROCESSO.....	22
4.7. PERSPECTIVAS DE REALIZAÇÃO.....	26
4.8. A QUESTÃO DOS DIREITOS AUTORAIS.....	26
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
10. REFERÊNCIAS.....	28
11. APÊNDICE.....	31
APÊNDICE A – Guia da série Espelhos Machadianos.....	32
APÊNDICE B – Roteiro do piloto da série: Espelho Partido.....	50

1. INTRODUÇÃO

No decorrer da Graduação tive a oportunidade de entrar em contato com os estudos em torno das novas formas de comunicação, nos quais se destaca o uso intensivo das redes sociais. Dentro deste debate, especificamente na disciplina Literatura e Comunicação, conduzida pela professora Maria Cristina Ferraz, tive contato pela primeira vez com o conceito de subjetividade alterdirigida¹, que é orientada a partir do *olhar do outro*, de fora para dentro. A partir da participação nesta disciplina, o interesse em torno desta forma contemporânea de ser e estar no mundo aumentou ainda mais. Um aspecto interessante deste fenômeno é a tendência à exposição do que em momentos anteriores da história era considerado íntimo.

Anteriormente o movimento por meio do qual os indivíduos se enxergavam no mundo se dava, prioritariamente, “de dentro para fora”, mas posteriormente ele passou a se dar, prioritariamente, de “de fora para dentro”. Um exemplo deste fenômeno pode ser visto com o protagonista do conto "O espelho", escrito por Machado de Assis e publicado em seu livro *Papéis Avulsos* (1882). Segundo análise proposta pela professora Maria Cristina Ferraz, este conto traria “ricos desdobramentos da problemática referente ao modo moderno de se constituir como sujeito” (FERRAZ, 2015, p. 120) e propiciaria pistas para a compreensão das recentes transformações experimentadas na construção das subjetividades contemporâneas.

Tendo em mente este fenômeno é que se propõe este trabalho, que tem como referência a obra do escritor Machado de Assis. A escolha deste autor se justifica pelo fato de ele trabalhar temas muito relevantes para os dias de hoje e que ofereceriam uma rica abordagem de certos aspectos presentes na cultura contemporânea.

O que se propõe aqui é o encontro entre o universo retratado por Machado de Assis em alguns de seus contos, e o universo atual. Para que este encontro se realize. Propõe-se aqui uma série de TV. Uma série cujo enredo oferecerá ao homem contemporâneo a oportunidade de se encontrar e dialogar com os personagens de Machado de Assis. O nome da série proposta é *Espelhos Machadianos*, e tem como objetivo principal a realização do encontro entre duas historicidades distintas, algo impossível no mundo real, mas possível através da ficção.

¹ O conceito de construção de si “alterdirigida” é trabalhado por David Riesman, em seu livro *A multidão solitária*.

2. MÉTODO DE TRABALHO

Para a realização deste trabalho foram dados alguns passos, que serão aqui evidenciados. O primeiro é apresentar algumas questões teóricas que serviram de base a algumas das reflexões existentes na série. Neste ponto, dois estudos funcionaram como importantes referências, *Ruminações: cultura letrada e dispersão hiperconectada* (2015), de autoria de Maria Cristina Ferraz, e o *O show do eu: a intimidade como espetáculo* (2009), de Paula Sibilia. A importância destes textos está no fato de que, a partir de sua leitura, é possível ter uma visão complexa sobre o tema central do primeiro episódio, a subjetividade contemporânea, e um aprofundamento da compreensão de determinadas características do mundo atual, o que é fundamental para a observação de seus contrastes frente ao mundo moderno machadiano.

Após este capítulo teórico, será apresentado um capítulo com várias referências que nortearam a elaboração do piloto da série: uma apresentação de Machado de Assis (autor cujos textos servirão para pensar sobre a modernidade), a justificativa para a elaboração da série, o público-alvo da série, as referências audiovisuais adotadas, o relato do processo e as perspectivas de realização da série.

Sobre a série em si é importante destacar alguns aspectos. O primeiro é que o universo dos episódios da série, sua sinopse e personagens principais foram registrados no Guia da série, importante componente do trabalho para a compreensão da proposta como um todo.

Além disso, deve-se salientar como se deu o processo de elaboração da primeira temporada da série. Após a leitura do conto “O espelho”, usado na elaboração do episódio piloto, foi realizado um trabalho para construir uma estrutura para toda a série. O passo inicial foi fazer uma intensa pesquisa sobre Machado de Assis. Em segundo lugar, foram selecionados cinco contos, a partir dos quais foi elaborada a primeira temporada da série. Para esta escolha, o principal critério foi avaliar de que forma estes textos dialogam com o mundo contemporâneo. Os textos escolhidos apresentam temas atuais, ainda que causem constantes estranhamentos por pertencerem a um momento histórico diferente. A intenção desta iniciativa foi pensar sobre o tempo presente. Em especial, pensar as questões vivenciadas na cidade do Rio de Janeiro, local onde se passam os contos de Machado e as narrativas da série.

3. REFERENCIAIS TEÓRICOS

Este é um trabalho prático. Porém, mesmo com este caráter prático, foi elaborado a partir de alguns fundamentos teóricos, fundamentos estes que ajudam a desenvolver alguns dos temas abordados nos diversos episódios da série e que serão apresentados aqui de forma breve.

3.1. O MÉTODO GENEALÓGICO

As narrativas da série têm como uma de suas principais questões o choque entre o presente e o passado, o que leva à seguinte pergunta: Por que narrativas vinculadas à modernidade podem desencadear reflexões sobre modos de ser contemporâneos? Para ajudar a pensar essa questão se fará uso do método genealógico, criado por Friedrich Nietzsche no final do século XIX e desenvolvido por Michel Foucault posteriormente. Em *Genealogia da moral*, Nietzsche sugere que, apesar de alguns costumes terem uma duração bastante longa no decorrer da história, os sentidos que são dados a esses costumes são diferentes, sendo mais adequado, portanto, que eles sejam “pensados como variação historicamente determinada” (FERRAZ, 2015, p. 152).

A partir desse pressuposto, Ferraz (2015) sugere que “deve-se interrogar sua historicidade, colocá-los sob suspeição, submetê-los a um olhar arguto, curioso e intelectualmente inquieto” (FERRAZ, 2015, p. 153). Além disso, a pesquisadora ressalta o importante aspecto de que estes sentidos historicamente construídos “exprimem, antes, forças virtualmente interessadas, perspectivas distintas, em luta constante” (FERRAZ, 2015, p. 153) e “supõem um gesto violento de apropriação”. Em outras palavras, esses sentidos não teriam validade universal, mas seriam *invenções* no âmbito desses contextos históricos em que estão inseridos, “longe de serem desinteressados ou a-históricos” (FERRAZ, 2015, p. 153).

Como os sentidos atribuídos aos costumes são historicamente construídos, torna-se imperativo que eles sejam tratados como tal, para que sejam estudados e compreendidos devidamente. Isto demanda daqueles que venham a estudá-los hoje um distanciamento contínuo dos sentidos dos quais se apropriam cotidianamente, o que é feito em favor de se vislumbrarem outras possibilidades de ver a realidade. Na série fictícia *Espelhos Machadianos*, a proposta é que textos oriundos de uma época diferente - a modernidade - sejam o ponto de partida para uma mudança de perspectiva nos possíveis sentidos dados aos costumes contemporâneos. Esses textos

ofereceriam a apresentação de um diferente horizonte cultural e das respectivas “verdades” apresentadas nesse tempo. Tais “verdades”, segundo a perspectiva genealógica, variam conforme as “formações históricas” (FERRAZ, 2015, p. 152) a que pertencem. Essa percepção da transformação das crenças ao longo da história promoveria uma desnaturalização dos sentidos e valores apresentados na atualidade, funcionando como ferramentas para transformar as histórias dos leitores-personagens.

A série parte do princípio de que a obra de Machado de Assis oferece uma leitura capaz de revelar contradições, ironias e mecanismos da “alma humana”. O próprio autor afirma, no subtítulo do conto, que é tema do primeiro episódio da série, que seu personagem narrador apresenta um “esboço de uma nova teoria da alma humana”², anunciando assim uma espécie de nova análise, sem pretensões científicas, das tendências e transformações observadas nos modos de ser de sua época. Através de uma história apresentada por seu personagem narrador, Machado retrabalha a dialética interior/exterior própria do homem moderno, colocando em xeque o processo por meio do qual este indivíduo constrói sua subjetividade. Esse tema da desconstrução de crenças atreladas aos modos modernos de subjetivação, trabalhado no primeiro episódio, anuncia um caminho que será trilhado ao longo dos outros episódios da série. Tal caminho se pauta pela constante evidenciação e desnaturalização dos modos de ser contemporâneos, apresentando-os como *invenções* historicamente localizadas.

Voltando ao método proposto por Ferraz (2015), também usado neste trabalho, é feito um questionamento do movimento de naturalização dos modos de ser contemporâneos. Além disso, ao se considerar o contato entre o mundo atual e a literatura moderna, parte-se do pressuposto de que estas podem servir como eficaz meio para se pensarem transformações vividas na atualidade. As reações proporcionadas pelas leituras dessas obras literárias modernas, portanto, podem ser consideradas contribuições ao tempo presente, ensejando um movimento de aposta “no valor da literatura para pensar o nosso tempo” (FERRAZ, 2015, p. 59).

3.2. MUDANÇA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES

A segunda referência teórica importante para a elaboração da série está relacionada a um certo clima de urgência que crescentemente incide sobre a sociedade. Tal fenômeno estaria ligado

²Subtítulo do conto “O espelho”, de Machado de Assis, publicado no livro *Papéis avulsos* (1882).

ao que Ferraz (2015, p. 16) chama de “regime multiatarefado de atenção fragmentada, já bastante arraigado nos corpos”. Este regime se expressaria na crescente demanda por produtividade e por uma conexão constante com todo tipo de informação que circula em alta velocidade pelo mundo. Esse fenômeno é uma das principais chaves para se compreender o estilo de vida atual. Além disso, ele oferece um interessante via de comparação com os modos de vida da modernidade, que se fundamentava em “gestos de recolhimento e antipressa cada vez mais anacrônicos” se comparados ao mundo contemporâneo, que funciona “como se tudo fosse urgente, qualquer contato ou mensagem” (FERRAZ, 2015, p.15).

Ao se realizar uma comparação entre a modernidade e o momento atual é possível perceber a existência de uma curiosidade irônica em relação aos diferentes níveis de urgência que a sociedade experimenta, nesses diferentes momentos. Um exemplo desse fenômeno pode ser visto quando uma pessoa demora muito a responder uma mensagem. A desculpa mais dada é precisamente a da falta de tempo. Tal falta de tempo pode ser atestada ao se considerar a atual forma de vida, muito acelerada, constantemente interrompida por demandas intermináveis, simultâneas, que exigem uma “disponibilização integral às conexões comunicacionais *aliada* ao deslizar constante entre tarefas distintas, por vezes simultâneas” (FERRAZ, 2015, p. 16). Ao se investigarem relatos sobre a modernidade é possível identificar que a desculpa da falta de tempo também é apresentada para justificar a demora em responder uma mensagem, neste caso mensagens enviadas por carta.

Sobre este fenômeno é no mínimo curioso verificar que Machado de Assis, em uma de suas correspondências, tenha apresentado a desculpa da falta de tempo para justificar a demora em responder a uma carta, o que leva meses para fazer. Também é curioso observar que o pintor francês Edgar Degas, um contemporâneo de Machado de Assis, resiste ao uso do telefone domiciliar, uma novidade tecnológica que ameaçava sua paz e privacidade criativa. A resistência se justificaria pelo fato de o pintor considerar “impróprio interromper suas atividades para atender a um sinal ou campainha”, afirma Ferraz (2015, p.16).

Ainda pensando sobre a mudança no modo de construção de subjetividades, deve-se considerar que há uma diminuição da atenção direcionada ao outro. No momento atual, ela é furtada por uma crescente atenção pretensamente alterdirigida, “orientada para e pelos outros” (SIBILIA, 2009, p. 234), e, portanto, consciente da observação alheia. Desta forma, os modos de subjetivação atuais são direcionadas ao olhar do outro - fenômeno que é potencializado com a

criação das chamadas redes sociais³, na quais os indivíduos criam “perfis” virtuais, onde o que se dá a ver e se constrói são imagens desses indivíduos, que se assemelham a uma espécie de reputação ou identidade que deve ser acompanhada e exaltada por seguidores virtuais.

Desta forma, as redes sociais se assemelhariam a espelhos, mas espelhos junto aos quais o indivíduo podem, sobretudo, atuar e delinear sua imagem. Assim, as redes sociais não se constituem apenas como formas de comunicação com o mundo, mas como ferramentas por meio das quais os indivíduos podem construir uma subjetividade que será alvo do olhar do outro. Segundo a pesquisadora Paula Sibilia, este fenômeno seria uma demonstração de que a sociedade atual é uma “sociedade atomizada por um individualismo com beiradas narcisistas, que precisa *ver* sua bela imagem refletida no olhar alheio para *ser*” (SIBILIA, 2009, p. 263). Segundo essa perspectiva, este olhar atento ao outro é na verdade um olhar atento ao *olhar do outro*, à sua aceitação, mas em função de si; trata-se de uma atenção alheia a um possível interesse legítimo por alguém, de forma desvencilhada do “*eu*”. Tal jogo de olhares, segundo Sibilia (2009), possivelmente elimina possibilidades de reconhecer esse “outro, como *outro*, em vez de fagocitá-lo no inchaço do próprio *eu*” (SIBILIA, 2009, p. 263).

Outro fenômeno relacionado ao processo de construções de subjetividades é o que diz respeito às antigas fronteiras entre privado e o público. Na contemporaneidade, essas fronteiras se tornam cada mais indiscerníveis. Segundo Sibilia (2009), “as tendências de exibição da intimidade que proliferam hoje em dia - não apenas na internet, mas em todos os meios de comunicação e também na mais modesta espetacularização diária da vida cotidiana” (SIBILIA, 2009, p. 77) - evidenciam um novo fenômeno. Desta forma, as novas narrativas de si passam a ser feitas em público, e o desejável é que seja visível todo e qualquer tipo de informação ou pensamento íntimo sobre si mesmo, o que funciona como uma espécie de “nova modalidade de diário íntimo” (SIBILIA, 2009, p. 74). A partir de então, nas diferentes redes sociais existentes, é encontrada uma “verdadeira evasão da privacidade em campos que outrora concerniam à intimidade pessoal” (SIBILIA, 2009, p.76).

³ Segundo Recuero (2006), uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos) e suas conexões (Wasserman e Faust, 1994, Degenne e Forsé, 1999). Trata-se, assim, de uma abordagem focada na estrutura social, na qual “individuals cannot be studied independently of their relations to others, nor can dyads be isolated from their affiliated structures” (Degenne e Forsé, 1999, p. 3). A abordagem de rede é importante porque enfatiza as conexões entre os indivíduos no ciberespaço (Garton, Haythornthwaite e Wellman, 1997, p. 1).

Hoje, a vida privada encontra-se invadida. Um exemplo desta invasão pode ser visto no quarto, lugar símbolo da intimidade no período moderno e que, atualmente, se transformou em um grande palco. Antes este cômodo era o “requisito fundamental para que o ‘eu’ do morador pudesse ficar à vontade” e era entendido como o local no qual a “subjetividade podia se expandir sem reservas e se auto afirmar em sua individualidade” (SIBILIA, 2009, p. 56). Agora o quarto é apossado constantemente por cada novo *youtuber* que surge com o intuito de transmitir todo tipo de detalhes de suas trajetórias pessoais. Com o impulso das novas tecnologias, a vida privada e a vida social parecem se tornar uma só, e o que era tido como íntimo adere à lógica mercadológica e social na qual o importante é a busca de prestígio e aceitação. Se no século XVIII surgiram os ambientes reservados – nos quais o indivíduo poderia se retirar “da visão do público” e nos quais se encontravam as condições necessárias para “produzir a sua própria subjetividade” -, hoje “as versões cibernéticas das escritas de si produzidas nesses quartos, por sua vez, também costumam ser práticas solitárias, embora seu estatuto seja bem mais ambíguo, porque elas se instalam no limiar da publicidade total” (SIBILIA, 2009, p. 57).

Foram apresentadas aqui as principais referências teóricas adotadas para a elaboração do roteiro. A partir de agora irá se voltar para alguns elementos que auxiliaram na concepção da série.

4. CONCEBENDO A SÉRIE

A partir de agora vão ser apresentados elementos que ajudaram na concepção da série. O primeiro deles será uma breve apresentação de Machado de Assis, autor que é uma importante referência para este trabalho. A seguir, será apresentada a justificativa deste trabalho, além de elementos como o público-alvo da série, suas referências audiovisuais e sua sinopse.

4.1. MACHADO DE ASSIS

Joaquim Maria Machado de Assis é considerado um dos maiores nomes da literatura nacional. Nascido no Rio de Janeiro em junho de 1839, ao longo de sua vida Machado foi testemunha de grandes transformações realizadas na cidade, como a transição entre o Império e a República. Tendo escrito textos que podem ser vinculados a praticamente todos os gêneros literários - como poesias, romances, crônicas, peças teatrais, contos, folhetins, notícias de jornais

e críticas literárias -, construiu uma extensa e consolidada obra. Foi considerado o introdutor do Realismo no Brasil, a partir da publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881). A obra deste autor brasileiro influenciou escolas literárias dos séculos XIX e XX, sendo ainda muito valorizada e estudada nos dias de hoje.

Machado foi o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, tendo sido eleito, por unanimidade, em 1897. Uma das características mais apreciadas de seu estilo literário é a ironia, considerada uma de suas formas mais corrosivas de crítica. Frequentemente, sua obra também recorre ao diálogo com o leitor, utilizando-se da metalinguagem. O cotidiano e o contexto social no qual estava inserido foram relevantes temáticas abordadas em suas criações literárias, oferecendo uma importante contribuição para a história da cidade. O olhar perspicaz de sua obra instiga a compreender as transformações do comportamento humano, ocidental, brasileiro, carioca, nas últimas décadas.

Em sua obra, Machado versou sobre alguns importantes temas relacionados à modernidade. Dentre eles podemos citar, por exemplo, a questão dos valores metafísicos e a questão da identidade e da representação. No que tange aos valores metafísicos, em seu conto “O espelho” (1882), o autor trabalha fortemente alguns dualismos da metafísica moderna, dentre eles: corpo/alma e interior/exterior. A abordagem dessas dualidades, no conto, conforme a análise efetuada por Ferraz, teria revelado a potência da ficcionalidade “para esboçar pensamentos que irão minar por dentro determinadas crenças metafísicas” (2015, p. 123), que estariam fortemente arraigadas naquele tempo. A questão da identidade é também amplamente trabalhada nesse conto, cuja história sugere uma transformação nos modos de subjetivação da época, sugestão já anunciada no próprio subtítulo da obra: “Esboço de uma nova teoria da alma humana”⁴.

4.2. JUSTIFICATIVA

O Rio de Janeiro, como outras cidades brasileiras, guarda um passado que nem sempre é conhecido pelo conjunto da sociedade. Vestígios de antigas construções dos bairros cariocas podem passar quase despercebidos e parecer não ter muito a dizer. Pode-se saber pouco sobre o tempo no qual foram inicialmente criadas, um mundo tão próximo e ao mesmo tempo distante. Mas será que esse imaginário urbano é tão distante quanto inicialmente aparenta?

⁴ Subtítulo do conto “O espelho”, de Machado de Assis, publicado no livro *Papéis avulsos* (1882).

A leitura dos textos de Machado de Assis pode colocar o homem contemporâneo a par de um Rio de Janeiro cheio de mistérios e contradições. Mistérios e contradições também são bem conhecidos pelos cidadãos do século XXI. Talvez o que não se saiba hoje é que as contradições do mundo passado guardam ainda recados para o mundo presente. Machado revela, em seus contos, alguns relatos com as quais o indivíduo contemporâneo pode se identificar mais do que com os que encontra em livros de História. Isto porque a matéria prima de seus relatos é o cotidiano.

Considerando tudo isto, este projeto de série pretende dar mais vida à voz antiga da cidade, a partir de uma leitura contemporânea da obra de Machado. Para alcançar esse objetivo, a série cria um universo fantástico no qual, a partir da imaginação de um personagem-leitor, elementos dos contos modernos de Machado misturam-se a situações e lugares atuais.

O tema da série é mais do que a cidade em si, é a relação secreta entre a cidade atual e a de outrora. Uma autodescoberta ampla, ao mesmo tempo intimista, cultural e de um povo. Um povo que deseja se descobrir, se olhar no espelho, para se entender através dos tempos. Entender aquilo que resiste ou não às circunstâncias e às mudanças externas. A cidade permanece igual? Ainda somos os mesmos? Olhemo-nos no espelho. Coloquemo-nos à prova.

4.3. PÚBLICO-ALVO

O público-alvo da série são os cariocas e as pessoas que se interessam pela história do Rio de Janeiro, bem como as pessoas que tenham interesse pela obra de Machado de Assis. A série também tem um olhar especial sobre o estilo de vida do brasileiro de classe média, mas, sobretudo, sobre o contexto político e social que envolve grande parte do país atualmente. Por seus temas mais sérios, ao mesmo tempo muito atuais, atingiria também o público jovem e o público adulto brasileiro.

4.4. SINOPSE

A obra do escritor Machado de Assis tem muito a dizer sobre os modos de ser contemporâneos. Além do próprio tempo, quais são os limites existentes entre o presente e o passado? Histórias se repetem, os segredos e contradições sobre os seus possíveis sentidos permanecem. Em um universo imaginário proposto pela série *Espelhos Machadianos*, o hoje se

mistura com o ontem, os contos de Machado são recontados e redescobertos pelo olhar do tempo atual. Rumo à compreensão de uma “alma” humana, se realiza uma viagem com pitadas reveladoras de atualidade misturadas à ironia de um homem de muitas épocas.

Espelhos Machadianos é uma série de drama psicológico e fantasia. Ela conta a história fictícia do momento no qual o escritor Machado de Assis manda uma correspondência para o futuro, em forma de livro. Este livro contém alguns de seus contos comentados, e que devem ser lidos por habitantes de sua cidade natal, o Rio de Janeiro, mais de um século depois de sua morte. Cada um dos episódios da série possui um protagonista que tem um encontro com as memórias e histórias do escritor, através da leitura de um dos contos comentados do livro. A proposta da série é percorrer alguns contos selecionados do autor que abordem temas relacionados a conflitos pessoais comuns aos tempos atuais, ainda que com as peculiaridades do mundo moderno machadiano. Além disso, também propõe-se a contar, em segundo plano, a história do personagem Machado de Assis, abordando questões como suas amizades por correspondência, o início e o fim de sua carreira, as escolhas temáticas de seus contos e as peculiaridades de seu olhar sobre o mundo. Pouco a pouco os episódios vão revelando a obra de Machado de Assis, ao mesmo tempo em que também revelam fatos e curiosidades sobre a vida do personagem Machado.

A série é composta por três temporadas, com três ênfases diferentes sobre a história do autor. Esta história de Machado se desenvolve em um arco longo, paralelo às histórias dos contos, narradas em cada episódio. A articulação entre a abordagem dos contos e a inserção de trechos da história de Machado nos episódios se dá por meio do livro, que conduz os acontecimentos da série. Sentindo aproximar-se o dia de sua morte, Machado cria esse livro, que contém alguns de seus contos com comentários, confissões pessoais e percepções sobre o futuro. O autor envia então o livro por correspondência aos leitores do futuro. O livro é, para ele, como uma herança que deixa às futuras gerações e que consiste em um convite a uma conversa através do tempo.

Ao entrar em contato com esse livro - em que o autor diz também estar contida a sua “alma”, a continuidade de sua existência - cada leitor do futuro é convidado por Machado a limitar sua leitura a apenas um dos contos comentados e, em seguida, passar adiante o livro. Em cada episódio da série é mostrada a história de um desses leitores que se “correspondem” com Machado e que, por meio dessa leitura, fazem importantes reflexões sobre sua própria história.

Na primeira temporada, o arco longo que conta a história de Machado privilegia uma apresentação mais geral do personagem, com elementos como a criação do seu livro endereçado às gerações do próximo século, rastros da Academia Brasileira de Letras na sua história e suas curiosidades sobre o futuro, implícitas nos comentários sobre os contos lidos. O curso da 1ª temporada trata dos seguintes temas, respectivamente relacionados às histórias dos seguintes contos: identidade e subjetividade - “O espelho” (1882); arrogância e vaidade - “Aurora sem dia” (1873); doutrinação e contradição - “A igreja do diabo” (1884); memória seletiva, fuga e oportunismo - “O lapso” (1884); e dívida, fracasso e memória - “Cantiga de esponsais” (1883).

Protagonizados por diferentes leitores-personagens do século XXI, os episódios da série acontecem em um universo imaginário e fantasioso em constante transição, no qual os pequenos enredos dos dias atuais se misturam e adentram nas histórias dos contos. A transição entre os dois mundos (passado e presente) é recorrente na série. Em cada episódio os contos aparecem na forma de imaginação desses leitores contemporâneos, mas se destacam dessa impressão, criando vida própria e ultrapassando uma simples leitura, pois relacionam-se diretamente com os conflitos vivenciados pelo leitor do episódio em questão.

Nesse universo mágico criado pela série, os personagens e elementos dos contos de Machado surgem em cenários atuais, trazendo as histórias de sua época, costurando narrativas antigas cujos temas se repetem ainda hoje. Elementos e personagens do mundo atual também aparecem em cenas que ocorrem nos cenários do passado, causando tanto estranhamento como identificação do espectador. A ambientação da série é mágica e realista, tudo gira em torno do objetivo principal, que é promover uma reflexão sobre os comportamentos e angústias humanas realçados nos contos machadianos que ecoam na contemporaneidade.

4.5. REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

Menciono, aqui, uma série e um filme que inspiraram o universo da série *Espelhos Machadianos*.

Black Mirror (Charlie Brooker, 2011) é uma das principais referências, tanto no aspecto estrutural como no temático. Composta por longos episódios independentes entre si, possui uma mesma linha temática que os une. Geralmente esses episódios duram cerca de sessenta minutos e são poucos por temporada. Em cada história há um protagonista diferente. Tal estrutura serviu de inspiração para a série *Espelhos Machadianos*, que também se propõe a ter um protagonista

diferente por episódio, cada um deles com cerca de sessenta minutos de duração e quase independentes entre si. Outro aspecto de *Black Mirror* que também serve como inspiração é sua proposta temática de mostrar o lado sombrio das tecnologias, levando o uso delas ao extremo, em um universo futurista, causando assim um grande estranhamento no espectador. A série *Espelhos Machadianos* também pretende causar certo estranhamento no tocante ao uso intensivo de tecnologias, quando abordar os novos estilos de vida que envolvem esse uso. Mas este movimento será feito por meio de um diálogo com o passado que evidencie as transformações nos modos de vida atuais e seus diversos aspectos.

Já *O Grande Hotel Budapeste* (Wes Anderson, 2014) é uma importante referência estética para o mundo imaginário dos leitores-protagonistas de cada episódio. Sua forma de apresentar os personagens, com algumas narrações simples e poéticas, e o trabalho minucioso de arte na criação de cenários que transmitem parte da história são uma grande referência para a idealização estética do mundo imaginário da série, que mostra as partes dos contos de Machado. Esse universo imaginário do leitor pretende ser também metafórico, no que diz respeito aos cenários, indumentária e até mesmo trejeitos dos personagens, potencializando, assim, a narrativa de cada episódio.

4.6. RELATO DO PROCESSO

A inspiração para a escrita desse projeto de série surgiu durante estudo da roteirização de alguns contos de Machado de Assis. Durante a leitura desses contos, cheguei à conclusão de que seus temas eram, ainda hoje, muito inspiradores. Na época, estava estudando para um concurso e ainda tinha desenvolvido muito pouco do meu trabalho de conclusão de curso, que tratava de outro tema também relacionado à narrativa audiovisual de contos. Foi quando decidi fazer um projeto final prático de roteiro, inspirado em meus estudos de roteirização dos contos machadianos. Escolhi contos que tivessem maior relação com conflitos comuns ao homem contemporâneo e fui conversar com um professor de roteiro da ECO, Aurélio Aragão.

Nesse primeiro momento, no qual apresentei a ideia para Aurélio, ele me trouxe um questionamento que me levou a mudar os rumos da proposta inicial. O professor perguntou se eu estava escrevendo sobre o que realmente queria. Fiquei sem resposta no momento. Com o passar do tempo comecei a pensar que, em vez de fazer, simplesmente, uma adaptação dos contos, poderia criar um universo que tornasse possível um verdadeiro encontro entre os dias de

Machado e a época atual retratada nos contos. Segui então esse desejo e pesquisei uma referência de série mencionada pelo professor, a série *Black Mirror*. Também defini que o primeiro conto mais adequado a ser apresentado na série seria “O espelho”, e não “Cantiga de Esponsais”, como pretendia inicialmente.

Entrando em contato com a série *Black Mirror*, fiquei encantada pela forma como ela questiona os valores recentes propagados na sociedade, seja pela criação de um universo futurístico no qual o uso de tecnologias é extremado, ou por uma certa radicalização dos costumes - ligados a essa nova configuração histórica - em níveis impactantes para o espectador. Identifiquei-me muito com essa proposta e tentei desenvolver um meio de causar esse estranhamento em relação às formas de vida atuais, através da contraposição delas com o universo de Machado. Esta estratégia traria uma certa evidenciação de costumes, tanto no que se refere ao uso de tecnologias, quanto no que concerne às novas formas de relacionamento e compreensão de si e do mundo, fenômenos que dizem respeito a esses novos comportamentos.

Dessa forma, resolvi criar uma estrutura que abarcasse essa possibilidade. Inspirando-me na constante troca de correspondências exercida por Machado, criei um livro fictício que o autor enviaria ao futuro e que seria destinado aos habitantes de sua cidade. A partir dessa premissa, desenvolvi uma estrutura comum aos episódios. Em cada um deles, cada personagem leria um de dos contos do livro após encontrá-lo. Assim seria estabelecida uma relação de estranhamento a partir da imaginação desses leitores; a forma de ver o mundo dessas pessoas seria impactada. O resultado é que, a cada episódio, cada personagem teria uma reação diferente.

Como decidi começar a série com um episódio baseado no conto “O espelho”, lembrei de uma pertinente análise feita pela professora Maria Cristina Ferraz em uma de suas aulas da disciplina Literatura e Comunicação. Ferraz fez uma interessante análise sobre o conto machadiano e, posteriormente, uma relação com canais do *Youtube*. Nessa análise, colocava em questão a forma como são construídas as subjetividades na contemporaneidade. Segundo a professora, elas seriam formadas pela exposição de detalhes da vida que, na modernidade, eram considerados íntimos. Desta forma, elementos que até pouco tempo atrás seriam revelados apenas em diários íntimos, hoje estariam sendo expostos nas redes sociais para qualquer um.

Notar essa diferença na forma como o indivíduo contemporâneo se enxerga no mundo me fez, na época, criar um curta chamado *Compartilho-me*. Esta produção analisava o que seriam os novos “espelhos virtuais”, o lugar no qual as pessoas poderiam se enxergar por meio do

compartilhamento intensivo de suas supostas vivências. Decidi, então, recorrer à orientação da professora Maria Cristina para uma melhor compreensão do assunto, que seria a base para a construção do episódio piloto *Espelho Partido*, que abordaria a mudança na forma como a subjetividade se configura nos dias atuais.

No decorrer da orientação da professora Maria Cristina, fui instruída a ler o último livro escrito por ela, chamado *Ruminações: cultura letrada e dispersão hiperconectada*, que tratava, em um de seus capítulos, justamente dessa reflexão sobre a invenção de uma nova subjetividade sinalizada no conto “O espelho”. Além disso, também fui orientada a ler o livro *O show do eu: a intimidade como espetáculo*, de Paula Sibilia, que delineava com mais detalhes a história dessa subjetividade ocidental, partindo do século XV e chegando ao século XXI. Nesses dois livros encontrei uma base firme para a compreensão das recentes transformações vividas na sociedade.

Além disso, por meio da leitura do livro *Ruminações*, descobri outras transformações em curso na sociedade atual. O livro de Ferraz trata do tema da cultura somática, do estilo de vida disperso e acelerado, dentre outros temas que se mostraram importantes para a compreensão do universo contemporâneo da série. Baseada nessas leituras, comecei a desenvolver uma escaleta do episódio piloto. Um novo tema que surgiu durante essa leitura foi o da patologização da depressão. Este “mal” antes era visto como uma tristeza ou melancolia, o que, no mundo moderno, abriria espaço para diversas explicações psicologizantes dessas vivências. A partir dessa observação, decidi trabalhar essas duas abordagens da doença no primeiro episódio, no qual a personagem sofre de depressão e, em seguida, de psicose pós-parto. Dei, em alguns momentos, ênfase a uma leitura patologizante do acontecimento e, em outros, a uma abordagem psicologizante, explorando os significados de suas emoções, o que permitiria ao espectador uma visão mais plural de possíveis leituras para a experiência da personagem.

A partir dessas leituras, confeccionei o capítulo de concepção teórica, no qual evidencio algumas dessas análises teóricas. A escrita desse capítulo me fez amadurecer ainda mais as ideias que surgiram a partir das leituras e me fez realizar uma releitura do material para uma compreensão mais apurada das análises. A partir de uma correção inicial, foi necessário trabalhar um melhor embasamento teórico na escrita, o que foi um grande desafio, ao se considerar que a análise teórica ocorreu em paralelo a todo processo de criação e enquanto as inspirações surgiam conforme a leitura avançava. Restringi um pouco mais as ideias para focar nos pontos mais importantes, de forma a apresentar de uma forma mais geral as características contemporâneas a

serem realçadas no universo da série.

Paralelamente a esses trabalhos, me dediquei à leitura de diversas cartas de Machado de Assis reunidas em edições especiais publicadas pela Academia Brasileira de Letras. Como Machado seria o personagem mais recorrente da série na primeira temporada, ainda que apareça apenas em algumas cenas, cheguei à conclusão de que era necessário o conhecimento prévio de sua forma de escrever para além dos livros, uma vez que ele escreve comentários informais no livro fictício. Também seria um conhecimento prévio de sua própria história. Essa pesquisa serviu para ajudar a estruturar as três temporadas, pois elas seriam permeadas por etapas da história do escritor contadas em paralelo à leitura de seus contos no livro-carta. Essas leituras também trouxeram inspirações de momentos da vida do autor a serem mostrados em pequenos *flashes* ao longo dos episódios. Esses momentos teriam relação direta com os temas tratados em cada episódio, trazendo, assim, uma rica contribuição ao conteúdo da série, mostrando pequenas curiosidades sobre o autor. Além disso, decidi que a história de Machado ganharia mais força na segunda e na terceira temporadas, nas quais seria explorada com mais propriedade a partir de uma análise mais profunda das cartas do autor, o que me permitiria uma possível mudança no formato do episódio para dar mais peso à participação de Machado.

Paralelamente à leitura das cartas de Machado, dediquei-me a escrever a sinopse dos episódios da primeira temporada, além de começar a escrita do primeiro episódio. Realizei isto baseando-me nas escaletas, que detalhavam as principais cenas do primeiro episódio e os principais acontecimentos dos episódios subsequentes. O processo de escrita foi bastante intenso. Nele tinha de resolver, de forma mais detalhada, como se daria a relação entre esses dois mundos, o do imaginário e o dos protagonistas que vivem no mundo contemporâneo, além de ter de incluir pequenos trechos com comentários de Machado, que fariam a ponte entre esses dois universos. O trabalho de desenvolver uma escaleta do primeiro episódio me ajudou muito a delinear as ações principais da história e a não me perder nela, mas uma constante análise da ordem dos acontecimentos também foi necessária, pois, ao longo da escrita, novas cenas foram surgindo, por necessidade, e a narrativa foi se complexificando. Porém, grande parte da estrutura se manteve. Tendo terminado de escrever o episódio, recorri à ajuda de dois professores, Aurélio de Aragão (da ECO) e Audemir Leuzinger (um roteirista que me dera, recentemente, aula em um curso de roteiro), para uma análise e revisão. Posteriormente, dediquei-me à finalização da escrita do Guia da série, na qual há o perfil dos principais personagens, detalhes sobre o universo da série e a

sinopse dos episódios e das temporadas.

4.7. PERSPECTIVAS DE REALIZAÇÃO

Escrevi esse roteiro com pouca perspectiva de realização, mas focada em me arriscar mais na arte da roteirização. Porém, ao elaborar a ideia da série, levei em consideração o desejo de que gerasse interesse em um determinado público, o público adulto e jovem brasileiro. Acredito que uma interessante plataforma para a divulgação desse trabalho seriam canais de *streaming* como o *Netflix*, que produzem séries de muitas nacionalidades e permitem uma maior variedade de conteúdo disponível para ser livremente acessado. Hoje a *Netflix* tem expandido seu número de produções, dentre elas as brasileiras, o que gera uma perspectiva mais otimista para a criação de séries direcionadas a esse tipo de veículo de difusão, via internet. O fato de os episódios de suas séries serem exibidos sem comerciais me parece mais apropriado ao estilo de roteiro elaborado, que se aproxima do formato dos filmes, já que cada episódio possui certa independência. Esse estilo de episódio é comum hoje, como no caso da série *Black Mirror* (*Charlie Brooker, 2011*), veiculada na *Netflix*.

4.8. A QUESTÃO DOS DIREITOS AUTORAIS

Como os contos de Machado de Assis estão atualmente em domínio público, não há necessidade de autorização para a criação da série *Espelhos Machadianos*, que é neles baseada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha do desenvolvimento desse projeto de série como trabalho final foi extremamente recompensadora. Uma das melhores experiências foi entrar em contato com as memórias de Machado de Assis. Voltar-me para a leitura de parte de sua correspondência fez com que me interessasse ainda mais pela história desse renomado escritor. Permanece, ao fim deste projeto, o desejo de me aprofundar mais nessas correspondências, para trazer mais desse rico conteúdo ao universo da série, o que seria muito propício por causa da imensa quantidade de cartas atualmente disponíveis para o público em geral.

Outra grande experiência propiciada por este trabalho foi a criação de um universo fictício

através do prazeroso trabalho de dar forma a ideias e inspirações sobre o assunto de interesse. Tornar esse volume de ideias algo tangível e estruturado foi uma grande conquista pessoal. Afirmo isto porque este estudo me fez entrar em contato com minhas dificuldades de construir e aprimorar meu próprio processo criativo de produção de um roteiro. Além disso, também foi um grande desafio pensar o tema do roteiro no âmbito teórico. Embora pensar o mundo a partir de uma visada teórica tenha sido algo extremamente inspirador, foi também com muito esforço que pude desenvolver algumas relações existentes entre o universo da série e os conceitos teóricos relacionados ao tema, o que me levou a amadurecer muitas das ideias desse universo.

Por fim ressalto a satisfação de ter terminado a faculdade com um projeto prático. Afirmo isto, porque, durante toda minha formação na ECO, especialmente durante a habilitação em Radialismo, fui incentivada a valorizar as minhas próprias ideias e a colocá-las em prática, por meio de inúmeros projetos de criação de curtas metragem, tendo experimentado, ao longo desses processos, trabalhar em vários setores de criação audiovisual: fotografia, direção de ator, produção, edição, etc. Sinto-me ainda mais satisfeita por ter experienciado a produção de um projeto de roteiro como trabalho final. Lembro-me de, durante a faculdade, ter pensado, certa vez, que se fosse capaz de produzir um roteiro já teria valido a pena todo o aprendizado, uma vez que admiro muito a arte da narração, em especial por meio da rica linguagem audiovisual. No entanto, levo comigo muito mais do que apenas a capacidade de desenvolver um roteiro. O que mais valorizo em minha formação foi ter aprendido a me arriscar, a me propor a produzir obras audiovisuais e aprender durante esse processo, pois, a partir desse aprendizado, desenvolvi a indispensável capacidade de resolver empasses e levar tais processos a um constante aperfeiçoamento.

6. REFERÊNCIAS

Livros:

ASSIS, Machado de. **Aurora sem dia**. In: *Histórias da meia-noite*, Coleção das obras ilustradas de Machado de Assis, volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994

_____. **A igreja do diabo**. In: *Volume de Contos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1884.

_____. **Cantiga de esponsais**. In: *Volume de Contos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1884.

_____. **Correspondência de Machado de Assis**: tomo I, 1860-1869. Rio de Janeiro: ABL, 2008.

_____. **Correspondência de Machado de Assis**: tomo II, 1870-1889. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. **Correspondência de Machado de Assis**: tomo III, 1890-1900. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. **O espelho**. In: *Obra Completa*, volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

_____. **O lapso**. In: *Volume de Contos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1884.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro**: teoria e prática. ed. revista, atualizada e ampliada. São Paulo: Editora Summus, 2009.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Ruminações**: cultura letrada e dispersão hiperconectada. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2015.

GOTLIB, N. B. **Teoria do Conto**. 11ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

JOST, François. **Do que as séries americanas são sintoma?** 1ª ed. Porto Alegre: Editora

Meridional/Sulina, 2012.

MACIEL, Luiz Carlos. **O poder do clímax: fundamentos do roteiro de cinema e TV.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2003

MCSILL, James. **Cinco lições de storytelling: fatos, ficção e fantasia.** 1ª ed. São Paulo: DVS Editora, 2013.

RECUERO, Raquel da Cunha. Um estudo do capital social gerado a partir de redes sociais no Orkut e nos Weblogs. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 1, n. 28, 2006

SARAIVA, Leandro. CANNITO, Newton. **Manual de Roteiro, ou Manuel, o primo pobre dos manuais de cinema/TV.** 2ª ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2009.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.

Documento sonoro:

CHARLIE KAUFMAN. **Screenwriters Lecture.** Disponível em:

<<https://soundcloud.com/wesleyverhoeve/charlie-kaufman-screenwriters>>. Acesso em: 8 jul. 2016.

Filmes e Séries:

BLACK Mirror. Direção: Charlie Brooker, 2011-2014, 7 ep., 60 min, colorido.

CAPITU, Direção: Luiz Fernando Carvalho, 2008, 5 ep., 40 min, colorido.

OS EXCÊNTRICOS Tenenbaums, Direção: Wes Anderson, 2001, 110 min, colorido.

O GRANDE Hotel Budapeste, Direção: Wes Anderson, 2014, 100 min, colorido.

Reportagens e Artigos

CORRESPONDÊNCIA dos derradeiros anos de Machado de Assis revela preocupação do escritor com a morte. O Globo, Rio de Janeiro, 20 jun. 2015. Cultura. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/correspondencia-dos-derradeiros-anos-de-machado-de-assis-revela-preocupacao-do-escritor-com-morte-16502642>. Acesso em: 08 jul 2016.

MÃES que quiseram matar filhos falam da psicose pós-parto. G1, 23 ago. 2008. Ciência e Saúde. Disponível em: <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2012/08/maes-que-quiseram-matar-filhos-falam-dos-perigos-da-psicose-pos-parto.html>. Acesso em: 08 jul 2016.

O Infanticídio Decorrente da Psicose Pós-Parto. Psicologado. Psicologia jurídica. Disponível em: <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-juridica/o-infanticidio-decorrente-da-psicose-pos-parto>. Acesso em: 08 jul 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Guia da série Espelhos Machadianos

APÊNDICE B – Roteiro do piloto da série: Espelho Partido

APÊNDICE A – Guia da série Espelhos Machadianos

ESPELHOS MACHADIANOS

GUIA PARA UMA SÉRIE

Por Bruna Aguiar

Rio de janeiro/ RJ

Julho de 2016

1. DE QUE SE TRATA A SÉRIE ESPELHOS MACHADIANOS?

Espehos Machadianos é uma série de drama psicológico e fantasia. Cada um de seus episódios tem cerca de 60 minutos de duração e sua primeira temporada é composta por cinco episódios, cada um inspirado em um conto de Machado de Assis. A série conta a história fictícia de quando o renomado escritor Machado manda uma correspondência para o futuro em forma de livro. Este livro contém contos seus comentados, que devem ser lidos por habitantes de sua cidade natal, o Rio de Janeiro, mais de um século depois de sua morte. Os episódios da série são parcialmente independentes, cada um deles possui um protagonista principal que tem um encontro com as memórias e histórias do escritor, pela leitura de um dos contos comentados do livro. Pouco a pouco esses episódios vão revelando a obra de Machado de Assis, ao mesmo tempo em que também revelam fatos e curiosidades sobre a vida do personagem Machado.

2. ESPELHOS MACHADIANOS: PRINCIPAIS PERSONAGENS

2.1. PRIMEIRO EPISÓDIO

2.1.1. Luisa

Luisa é uma jovem de 19 anos, filha de mãe viúva, mora no Rio de Janeiro desde que nasceu e tem alguns tios e primos que também moram na cidade. Está no terceiro semestre da faculdade. Estudante de Letras Português com habilitação em Francês, ainda não sabe o que quer fazer da vida, então se empenhou em começar uma faculdade, enquanto não se decidia. Adquiriu, na universidade, o costume de beber cerveja diariamente. Ao final do semestre anterior, fez um intercâmbio pela faculdade e passou um ano fora. Seu intuito era conhecer o mundo, ser mais independente, se descobrir e se divertir. Porém, nos primeiros dias da viagem, descobriu que estava grávida de um amigo com quem transou em sua festa de despedida. Abalada pela notícia, desenvolveu uma depressão durante a gestação, porém continuou morando sozinha no exterior, apenas mantendo contato com sua mãe, Débora, que tentou de todas as formas ajudar a filha, embora não tivesse condições de ir vê-la.

Desconfortável com a ideia de ser mãe, Luisa escondeu sua gravidez de todos os amigos e deletou o perfil social do *facebook*, no qual postava constantemente notícias da viagem. Teve o bebê no exterior, mas de volta ao país, entregou a filha para a mãe cuidar e vive como se ela não existisse, no antigo apartamento da avó. A mãe aceita cuidar da neta, com pena de Luisa, por ter acompanhado todo o sofrimento da filha enquanto esteve fora. Luisa dá a desculpa de que precisa de privacidade para se dedicar aos estudos e evita ao máximo ver o bebê. A jovem, além de se negar a amamentar a criança, alegando que não o consegue, também mantém distância do pai de sua filha. De volta à faculdade, encontra-se deslocada do estilo de vida dos colegas, especialmente no que tange ao uso das redes sociais, o que aboliu desde que engravidara. Demonstra pouco interesse por coisas que valorizava antes da gravidez, como sair para festas e marcar encontros por redes sociais, além de ter perdido a vontade de estudar ou se dedicar a qualquer *hobby*. A personagem mantém uma vida dupla, fingindo para os amigos nunca ter engravidado, pois a presença da criança cria nela um mal-estar profundo. Mostra sinais cada vez mais fortes de que não superou a depressão, qualquer contato com a filha a desestabiliza emocionalmente, além de demonstrar uma tendência de isolar-se do mundo a sua volta.

2.1.2. Diana

Diana tem 22 anos, mora sozinha, na cidade do Rio de Janeiro, tendo saído de casa aos 19 anos com o apoio do ex-namorado. Vivia num lar problemático com sua mãe, autoritária e controladora, que sempre a impedia de sair de casa ou de ver os amigos, e poucas vezes incentivou os estudos e a carreira da filha. A família da jovem tem um histórico de transtornos psíquicos, um de seus irmãos, por exemplo, é bipolar e vive com a mãe. Diana nunca teve uma boa relação com o pai, que a agredia e também a seus irmãos. A personagem tem um sério problema com mentiras, desde criança inventa histórias e, depois de crescida, não vê motivos para abandonar essa prática. Perdera muitos amigos de trabalho recentemente, que começaram a descobrir algumas mentiras contadas por ela, no antigo emprego. É amiga de Luisa, desde o início da faculdade, também cursa Letras, mas com habilitação em Literatura Brasileira. Tem quatro gatos, que lhe fazem companhia, em seu apartamento. Um de seus *hobbies* é se relacionar com pessoas, por meio de aplicativos de encontro. Vive uma vida agitada, frequenta muitas festas, é extremamente independente e muda com frequência de emprego. Tem muito carisma, deixando sempre boas primeiras impressões por onde passa. Faz questão de cortar relações com as pessoas que começam a acusá-la de mentirosa ou com qualquer um que insinue querer controlá-la. Costuma bloquear esses desafetos nas redes sociais, e inventar histórias falsas sobre eles. A única pessoa controladora com quem ainda tem contato é sua mãe. No entanto, mantém uma distância segura com relação a ela, apesar de saber que pode voltar para a casa da família quando precisar.

2.1.3. Mãe

Débora é viúva desde os 33 anos, cria sua filha, Luisa, sozinha e com muito esforço. Mora no Rio de Janeiro, e tem duas irmãs, com as quais mantém contato diário, depois que perdeu a mãe. Trabalha para dar a Luisa tudo do bom e do melhor. É um pouco vaidosa, usa muitos cremes e tem obsessão por ser magra; mas a grande preocupação da sua vida é cuidar da filha. Não costuma viajar com frequência, exceto no final do ano, com a família. É pró-ativa e resolve muitos problemas de suas irmãs. Tem dois empregos, trabalha como advogada em uma firma e em seu escritório particular. É controladora, mas desde a viagem e gravidez da filha, se sente

insegura por ter de segurar seus impulsos para não desestabilizar ainda mais Luisa. Passou a se dedicar a cuidar da neta, desde o retorno da filha, o que exige muito de sua atenção. Com a nova ocupação, acabou permitindo o afastamento de Luisa, com quem não tem conseguido manter um convívio saudável, pois, devido ao estresse e sensibilidade extrema que desenvolvera desde a gravidez, Luisa entra em choque constantemente com a personalidade controladora de sua mãe.

2.1.4. Carlos

Carlos tem 19 anos, é estudante de Química e recém-chegado na universidade. Conheceu Luisa no ensino médio. Ela era sua melhor amiga, com quem namorou por dois anos. Depois de terminarem o namoro, se afastaram por um tempo, mas voltaram a ser amigos na faculdade. Carlos tem dois irmãos mais novos, mora com seus pais e conserva os amigos da escola, mesmo depois de ter entrado na universidade. Tem uma namorada chamada Lúcia. Abalou-se com a descoberta da gravidez de Luisa, mas teve o apoio da família e, passadas algumas semanas, aceitou bem a ideia de ser pai. É um pai atencioso, preocupa-se com Luisa, mas não tem real ideia do estado emocional da amiga. Mantém contato com Débora, a mãe dela, que explica que a filha está num processo de adaptação e pede que respeite seu espaço. Carlos se ressentido do comportamento de Luisa, mas aceita o distanciamento, preocupando-se apenas em cuidar do bebê.

2.2. SEGUNDO EPISÓDIO

2.2.1. Renato

Renato tem 25 anos e é um jovem deputado federal. Nascido no Rio de Janeiro, quando criança mudou-se para Minas Gerais, onde morava em uma cidade histórica. Era bastante pobre e foi criado por sua avó, pois seus pais o abandonaram ainda muito pequeno. Sua maior alegria na adolescência foi ter ganhado um celular de presente. Antes de ter um, sentia-se excluído na escola, pois todos os seus amigos costumavam usar as redes sociais para se comunicar. A partir do momento em que ganhou o celular, passou a se dedicar exclusivamente a seu “perfil”. Queria a todo custo obter o máximo de curtidas em suas postagens. Por outro lado, sua avó, Gilda, observando o comportamento do neto, o repreendia dizendo que maneirasse no uso do aparelho.

Mas Renato nunca dava ouvidos às repreensões. Ele alimentava um grande desprezo por sua vida, quando adolescente. Do seu ponto de vista, morava em um fim de mundo, vivia em um lugar completamente esquecido. Tinha o desejo de ser visto e ser importante, um reconhecimento que buscava pelo celular, sua maior fonte de contato com o mundo.

Durante esse período de sua adolescência, uma terrível tragédia ambiental em sua cidade chamou a atenção do mundo inteiro. Renato gravou alguns depoimentos de sua avó, além de situações de extremo caos que ocorriam nas proximidades, e postou nas redes sociais. A repercussão de suas postagens foi mundial, e a opinião pública passou a considerá-lo como um herói, que sobrevivera ao desastre e ainda tivera a coragem de revelar o descaso das autoridades. Renato se sente satisfeito com essa repercussão positiva e aceita um convite para falar em uma reunião de moradores, com a presença de ONGs e alguns movimentos sociais. A partir de então, envolve-se com esses grupos, a fim de projetar-se ainda mais na mídia. Interessa-se pela carreira política e facilmente consegue muitos votos, para eleger-se como deputado federal. As causas que defende dizem respeito a questões sociais e ambientais. Ao ser eleito, muda-se para o Rio de Janeiro, deixando a avó em Minas Gerais. Com o tempo, Renato passa a participar de esquemas de corrupção, para fazer sua carreira como político decolar, lucrando bastante com recebimento de verbas para a campanha. Acumula muito dinheiro e vive uma vida luxuosa. Logo casa-se com uma deputada, e juntos vivem o cotidiano das relações políticas, ou seja, com a interferência de todo tipo de interesse.

Até que, finalmente, são deflagradas operações policiais que passam a investigar o envolvimento de centenas de políticos em esquemas de corrupção. Renato se torna alvo dessas investigações e, acostumado a só dar ouvidos aos aliados, considera extremamente comum o recebimento constante de críticas da opinião pública. Para ele, existem apenas dois lados: o lado que lhe interessa (seus eleitores e aliados), e o outro lado (a oposição), cujas acusações não o abalam. Na carreira política, aprendera o jogo de discursos vazios e repetitivos, que defendem sempre interesses escusos de um lado ou de outro, nunca se aproximando de um diálogo verdadeiro; essa forma de se comunicar torna-o indiferente a muitas das críticas que passa a receber.

2.3. TERCEIRO EPISÓDIO

2.3.1. André

André tem 36 anos, é solteiro e frequenta desde pequeno uma igreja evangélica tradicional. Filho de um pastor austero, foi sempre cobrado a ter um comportamento correto diante da congregação de membros, sempre tendo que dar o exemplo e zelar pela imagem da família. Conforme crescia, André passou a ocupar cargos de liderança na igreja, uma vez que não podia fugir à responsabilidade de ajudar no que fosse preciso. Com o tempo, acostumou-se a tomar decisões unilaterais como líder em suas classes de estudo bíblico, sem ter de se preocupar em agradar aos que a frequentavam; também se acostumou a ter a atenção de todos, por meio do monopólio da fala, em muitos encontros dos grupos que liderava.

Até que um dia, seu pai deixa o pastoreio da igreja e passa a congregar como um membro comum, devido às grandes cobranças que fazia a si mesmo e a sua esposa, as quais os fizeram chegar a níveis de estresse insuportáveis. André sentiu-se um pouco inseguro com a decisão, pois teve medo de perder todo o prestígio que recebia por ser o “filho do pastor” e pelos cargos que exercia. Com o tempo, críticas a ele foram-se tornando mais comuns, uma vez que a igreja passou a defender uma abordagem mais democrática nos encontros e na forma de liderar as reuniões e classes, a partir da entrada de um novo pastor. André sentia-se imensamente incomodado com essas novas demandas. Desqualificava constantemente os esforços de outros líderes, e passou a se sentir cada vez mais isolado em seu posicionamento autoritário, pois muitos passaram a enxergar seu estilo de condução dos encontros como uma forma de autopromover-se. André se retira, então, da liderança das classes, quando vê que os níveis de rejeição e desprestígio aumentam em relação a ele. Passa a viver uma vida de poucos amigos na congregação, o que já acontecia no trabalho, uma vez que se sentia muito importante e não valorizava o relacionamento de igual para igual com seus colegas de profissão, nem tinha abertura para ouvir as suas críticas ou modos de pensar. Alguns poucos irmãos da igreja ainda davam atenção a André, especialmente o novo pastor, com quem se encontra com frequência.

Rotineiramente, André reclama com o novo pastor de todo e qualquer tipo de comportamento da membresia que fuja aos padrões que lhe agradam. O pastor sempre tenta apresentar novas formas de se posicionar diante dele, ou por vezes, simplesmente o ouve. O relacionamento íntimo de fé de André com Deus é de poucos questionamentos, já que ele reduziu

suas crenças a certos tipos de comportamento, numa visão extremamente legalista do mundo que criara para si. Ocupado em observar problemas no comportamento alheio, pouco sabe sobre sua própria personalidade e sobre a opinião das pessoas a sua volta. Teimoso, é um funcionário público exemplar, gaba-se do cumprimento perfeito de suas tarefas e procura sempre impor o seu padrão às pessoas a sua volta. Teve poucos relacionamentos: uma namorada durante a adolescência, também da igreja, e outra recentemente, uma colega de trabalho, cujo relacionamento durou apenas algumas semanas, devido ao constante embate de ideias que tinha com ela. Sandra, a última ex-namorada, ainda se interessa por André, que tem poucas perspectivas de encontrar alguém no momento.

2.4. QUARTO EPISÓDIO

2.4.1. Clara

Clara tem 23 anos e é recém-formada em Letras, Português, com habilitação em Japonês, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sofreu muito durante a faculdade, pois os métodos de ensino de suas professoras orientais recorriam à humilhação e rebaixamento dos alunos, inclusive em público. Ao longo de sua formação, perdeu grande parte da confiança em sua capacidade de aprender e principalmente falar a língua, mas aprendeu a superar diversos momentos de frustração. Clara é a pessoa que toma conta de sua família. Mora com a mãe e a irmã mais nova. A mãe de Clara depende muito de sua ajuda, uma vez que tem uma deficiência visual de nascença e não aceita mais a ajuda de seu ex-marido. Em consequência disso, muitas das responsabilidades dela são divididas com Clara, que ajuda também nos cuidados com sua irmã mais nova, Edite, que cursa o sexto ano do Ensino Fundamental. Clara passa por um momento de bastante pressão na vida. Tendo terminado um relacionamento de anos, recentemente, sente-se muito carente de afeto, ao mesmo tempo em que tem de dar conta de seu trabalho como professora particular, que tem ajudado a pagar as contas e a custear uma viagem que planeja fazer ao Japão. Teme que seus recursos não consigam pagar sua viagem, ao mesmo tempo em que se sente emocionalmente esgotada para dar conta das demandas de sua família, como a organização da festa de família de fim de ano, a obrigação de levar sua irmã a diversos compromissos e cursos, a resolução de problemas burocráticos envolvendo a venda de um imóvel da família e o acompanhamento de um processo que sua mãe está movendo na justiça.

Clara tem um interesse especial pelo Japão e sente imensa empatia pelos jovens japoneses, que vivem sob pressão constante da sociedade para conseguirem alcançar altos níveis de desempenho, bons empregos, bons salários, e que, por vezes, não obtendo o que querem, acabam se suicidando, tamanho o nível de frustração a que chegam. Clara acredita numa outra forma de encarar a vida, que não se resume a ter de alcançar uma alta performance a qualquer custo, embora seja impelida a render-se a um nível gigantesco de cobranças e, por vezes, também se sinta atingida por um sentimento de fracasso e cansaço. Como professora, é bastante motivadora, se compadece dos alunos, uma vez que também teve imensas dificuldades no aprendizado da língua, durante a faculdade. Tem um grande senso de humor - embora atualmente esteja um tanto deprimida - e um talento nato para docência, talento herdado da mãe, que fora atriz e, quando jovem, ensinava às filhas de forma alegre e lúdica.

2.5. QUINTO EPISÓDIO

2.5.1. Orlando

Orlando é um senhor de 65 anos, que acaba de se aposentar. É casado com Rosa, há mais de quarenta anos. Trabalha desde muito jovem, como funcionário do Banco do Brasil. Tem dois filhos, um casado e um solteiro. Desde que se aposentou, ele e a esposa compraram um apartamento em Copacabana para morar. Como rotina, vai à praia de manhã caminhar e nadar no mar, também costuma pesquisar curiosidades no Google e assistir a filmes da *Netflix* com sua esposa, que se prepara para se aposentar em breve. Viveu uma vida de muito trabalho e poucos lazeres, excetuando-se as férias de fim de ano, quando viajava com sua família, irmãos, cunhados e sobrinhos. É boa praça e gosta de fazer amizades em qualquer lugar.

No Banco de Brasil, cultivou muitas amizades durante anos. É conhecido por sua eficiência no trabalho e por uma certa “chatice” com os detalhes de suas tarefas, que devem ser todas bem feitas. A mais recente paixão de Orlando e de sua esposa é o seu novo cachorro poodle, chamado Joli. Joli supre uma certa carência de atenção que eles têm por nunca terem conseguido superar a perda do afeto que os filhos davam, quando crianças. Aposentar-se era o sonho de sua vida e ainda é o da vida de sua esposa. Diante da realização desse sonho que idealizara por anos e anos, em meio ao cansaço da rotina do trabalho, Orlando parece não conseguir aceitar bem a nova realidade. Estranha a calma do dia a dia de aposentado e acha

que ainda falta alguma coisa para chegar aonde quer.

2. A PRIMEIRA TEMPORADA

3.1. O ARCO DA PRIMEIRA TEMPORADA

A primeira temporada começa com o episódio intitulado *Espelho Partido*, título que se refere à desconstrução de uma identidade, mais especificamente da subjetividade contemporânea, em outras palavras, da formas de ser e estar no mundo atual. Tal desconstrução é a proposta da primeira temporada de *Espelhos Machadianos*, o que se dá, no universo da série, a partir da experiência da leitura dos contos de Machado. Nesse primeiro episódio, temos a leitura por parte da personagem protagonista, Luisa, do conto “O espelho” - que aborda a questão sobre “como nos enxergamos no mundo”, usando para isso a ideia de que existem dois tipos de alma: a “alma vista de fora para dentro” e a “alma vista de dentro para fora”. Cada episódio se baseia na desnaturalização de aspectos desta forma comum de entender-se no mundo, atualmente. Se, no primeiro episódio, foca-se na forma como se constrói uma imagem de si no mundo de hoje, o segundo fala sobre a vaidade e arrogância alimentadas pelo insuflamento desse “eu” na contemporaneidade, a partir de uma conversa com o conto “Aurora sem dia”.

Subsequentemente, nos episódios três e quatro, que trabalham respectivamente os contos “A igreja do diabo” e “O lapso”, são abordados os temas: da doutrinação, também muito presente nos dias atuais, seja em meios políticos ou religiosos; e da memória seletiva como mecanismo de fuga. Se pensados no contexto da quantidade de informações e cobranças às quais se é sujeito no acelerado estilo de vida atual, são temas oportunos. Por fim, no último episódio, trabalha-se o tema do fracasso, da dívida, da memória que se deseja construir sobre si no mundo. Tendo-se colocado padrões cada vez mais altos de superação, atualmente, muitos se sentem constantemente fracassados, o que se acentua por vezes no final da carreira ou da vida, como também ocorre no caso do conto “Cantiga de esponsais”. A ideia principal dessa primeira temporada é reforçar o convite machadiano a uma reflexão sobre os modos de ser e estar no mundo e a uma consequente abertura a novas leituras do universo em que se vive. Paralelamente a isso, serão abordados, em pequenos flashes ao longo da história principal, alguns fatos da vida do personagem Machado de Assis: seu interesse por corresponder-se com as gerações futuras, seu hábito de trocar cartas, a importância da Academia Brasileira de Letras na sua vida, a apresentação do contexto e história

da criação do livro que envia ao futuro (século XXI) e algumas curiosidades sobre sua personalidade e cotidiano.

3.2. SINOPSES DOS EPISÓDIOS DA PRIMEIRA TEMPORADA

3.2.1. Piloto: Espelho Partido

Luisa, uma jovem de 19, acaba de voltar de um intercâmbio no exterior. Durante o intercâmbio feito por meio da faculdade, Luisa descobre uma gravidez indesejada e desenvolve uma depressão. Com o apoio da mãe, mesmo à distância, Luisa tem o bebê e volta para sua cidade natal, o Rio de Janeiro, depois de um ano em Paris. Ao chegar no Brasil, vive uma vida dupla, deixa o bebê com sua mãe, para criá-lo, e volta a sua rotina de estudos, como se a filha não existisse. Durante o tempo em que passou fora do país, Luisa excluiu sua rede social e não manteve contato com ninguém, além de sua mãe. De volta à faculdade, sente-se deslocada e desinteressada pelos assuntos que interessam a seus colegas. Nesse período, Luisa compra, ocasionalmente, o livro escrito por Machado de Assis, para uma aula de literatura, num estranho sebo do Cosme Velho, bairro no qual o autor morara. Ao abrir o livro, lê algumas anotações de Machado de Assis, convidando-a a uma leitura comprometida dessa obra, a qual deveria ser passada adiante assim que Luisa terminasse de ler o primeiro conto e suas anotações sobre ele. Luisa aceita o convite e conhece, então, a história do conto “O espelho”, um conto que fala sobre uma teoria inventada por seu narrador-personagem chamado Jacobina. Segundo essa teoria, existiriam duas almas em cada pessoa, uma que “olha de fora para dentro” e outra que “olha de dentro para fora”.

Ao ler o conto, Luisa passa a se identificar com essas formas de ver-se como sujeito no mundo, uma baseada no olhar alheio e outra baseada em sua relação íntima com o mundo e, a partir daí, começa a identificar a presença desses padrões ao seu redor, chegando à conclusão de que existe uma enorme recorrência de almas que se olham de fora para dentro, no mundo performático de hoje. Ela, então, segue acompanhando a história contada por Jacobina, sobre uma época de sua vida em que fora nomeado alferes da Guarda Nacional. O personagem, nessa história, passa a ser tratado com muita cordialidade e prestígio, devido ao posto para o qual fora nomeado, o que causou nele o inflar do que seria a sua alma exterior, baseada em como as pessoas o viam, no caso como o “senhor alferes”, ao passo que sua antiga “alma interior”

desaparecera. O conto segue até o ponto em que o alferes perde o reconhecimento que insuflara sua alma exterior, e certo dia, não se vê mais no espelho, que reflete, metaforicamente, a imagem que se tem de si.

Conforme Luisa se identifica com a teoria de Jacobina, passa a perceber que está na mesma condição do alferes, de quem perdera sua “alma exterior”, sua referência identitária baseada no olhar do outro, uma vez que se isola de todos os amigos, desde que engravidara. Luisa não apenas perdera essa referência, como se percebe numa situação análoga à do alferes, quando este não se vê mais no espelho, uma vez que se encontra em uma profunda crise identitária, num processo de negação de acontecimentos recentes que mudaram a forma como as pessoas a veem e como ela se vê no mundo. Quando Luisa se dá conta disso, lendo o conto, ela entra em pânico. Em dado momento, no lugar do alferes vestindo a farda, com o intuito de se enxergar novamente no espelho, ela se vê segurando a própria filha no colo, imagem que ela procura apagar a todo custo. Posteriormente a este momento de pânico, Luisa recebe a visita surpresa e indesejada de muitos parentes e é deixada a sós com sua filha, em seu apartamento. Nesse momento, é acometida de um surto psicótico, oriundo de uma depressão que vem se intensificando conforme o tempo passa. Luisa chega a cogitar matar sua filha, mas se tranca no banheiro, momento no qual se vê no espelho e o estilhaça com um soco. Luisa cogita tomar um dos remédios para depressão indicados pelo médico, mas resolve cortar os pulsos, quando sua mãe bate à porta do banheiro e a interrompe com uma pequena conversa sincera e despreziosa, que muda a sua vida.

3.2.2. Episódio 2

O segundo episódio tratará da história de um jovem político, chamado Renato, que vem sendo investigado em casos de corrupção. O tema principal do episódio é o ego, a vaidade e as posturas que podem ser tomadas por conta deles. Renato é incentivado por seus aliados a mentir e manter a pompa. O jovem político considera as investigações uma perda de tempo, uma vez que, para ele, são os esquemas de lavagem de dinheiro que sempre foram responsáveis por ditar as regras do mundo político. Até que um dia, curiosamente, depara-se com o livro de Machado deixado na mesa de seu escritório e acaba lendo um de seus contos: “Aurora sem dia”. O conto narra a história de um rapaz, chamado Luís Tinoco, que se considera um gênio que, quando jovem, insiste na carreira de poeta, mas, com o tempo, apaixona-se pela política e entra para o

ramo. Identificando-se com a história de vida do rapaz, Renato passa a se interessar cada vez mais pelo conto e, ao mesmo tempo, começa a relembrar a história da construção de sua carreira, que começara de forma bem inusitada, a partir das redes sociais, quando ainda era menino.

Tornou-se conhecido, inicialmente, por ter registrado, com sua câmera de celular, vídeos chocantes de um desastre natural que ocorrera em sua cidade natal e por ter postado esses vídeos em seu *facebook*, o que lhe proporcionou uma imensa quantidade de seguidores e intermináveis compartilhamentos de suas postagens, fazendo com que se sentisse bastante importante. A partir daí, engajou-se em movimentos sociais e entrou para a política, tudo em função de um desejo de ser visto e aclamado. Porém, no decorrer da leitura do conto, Renato observa que o personagem Luís Tinoco, com o tempo, depara-se com a insignificância de suas ideias e com as verdadeiras pretensões egoístas e vaidosas por trás delas, o que gera uma reação de identificação ainda mais forte por parte do político-leitor. O jovem se lembra de sua indiferença para com o combate das tragédias e causas pelas quais lutava, e lembra-se do caso em que chegou a dizer que achava que sua avó era insignificante, por não estar em uma rede social, ao ter sido provocado por ela, que criticava seu intenso interesse por se sentir importante e seu desprezo por suas raízes humildes. Tal identificação com o personagem leva-o a uma crise que faz dissolverem-se muitas certezas a respeito de seus ideais, gerando uma mudança radical em sua forma de se posicionar diante das denúncias de corrupção que enfrenta, o que provoca grande impacto no meio político que o cerca. O episódio seguinte pega o gancho da confiança que os fãs e eleitores depositavam nos jovens políticos, tanto do conto quanto da atualidade ficcional, e adentra-se no tema da doutrinação, a partir de uma conversa com o conto “A Igreja do Diabo”.

3.2.3. Episódio 3

O terceiro episódio conta a história de André. O tema central do episódio trabalha sobre qual seria o limite da doutrinação para o controle de massas. Membro assíduo de uma igreja evangélica, André assume cotidianamente uma postura legalista em relação aos demais membros. Costuma ir ao gabinete do pastor frequentemente para fazer queixas sobre o comportamento de diversos desafetos. Seu ímpeto pelo controle da vida alheia o leva a pressionar o pastor a tomar atitudes drásticas, para atender as suas reclamações. Tendo recebido uma resposta negativa do pastor, inclusive depois de tê-lo criticado duramente, André fomenta um motim e funda uma nova igreja. Antes, porém, de sair da antiga igreja, ganha o livro de Machado de presente de um

dos membros, Renato, que lhe indica o terceiro conto. André vê então o título do conto “A Igreja do Diabo” e desconsidera a leitura, achando que é algum tipo de chacota. Decreta, em sua igreja/seita, um conjunto de regras ultrarradicais de comportamento que, segundo ele, seriam a única forma de evitar problemas na nova congregação; mas, com o tempo, elas acabam sendo descumpridas, o que torna o ambiente da nova igreja insuportável para ele. André descobre os deslizes de seus membros e acaba se tornando alvo de chantagens e ameaças, para que não os revelasse a ninguém.

Nessa situação adversa, André lembra-se do conto “A igreja do diabo” e, por curiosidade, começa a lê-lo. Esse conto traz um novo elemento à série, pois introduz personagens divinos, que são também narradores do episódio e que dele participam, apresentando reflexões sobre a humanidade. No conto, o diabo acredita ter encontrado uma forma de levar as pessoas a seguirem a sua religião; no entanto, o comportamento humano surpreende suas pretensões e concepções a respeito da facilidade de doutrinação das massas. André se assusta com a história do conto, pois passa a se ver como um verdadeiro monstro, enquanto pastor. Insiste, porém, em sua ideia e implanta mais e mais métodos de pastoreio controladores, que acabam por ferir, cada vez mais nitidamente, os princípios de fé “pregados” na igreja. No fim do episódio, colocar-se-á a questão das contradições dos desejos humanos e como elas podem servir aos interesses secretos de cada um. Isso servirá de gancho para o tema do próximo episódio, que será abordado a partir do conto “O lapso”.

3.2.4. Episódio 4

O quarto episódio conta a história de uma estudante de japonês, recém-formada, que vive uma vida turbulenta e cheia de responsabilidades. O tema do episódio é a fuga, ou a visão seleta da realidade, como um mecanismo de defesa poderoso e atual ante as intensas demandas e obrigações cotidianas. A jovem Clara mora com sua mãe, que é deficiente visual, e sua irmã mais nova; e é a verdadeira responsável por resolver os problemas da casa. Clara planeja realizar, em breve, seu sonho de morar durante seis meses no Japão, mas preocupa-se em deixar a família, que depende muito dela para tudo.

Aproximando-se o fim do ano letivo, encontra-se demasiadamente sobrecarregada com o trabalho, a realização das festas de família organizadas pela mãe, o pagamento das contas e as demais responsabilidades, que acabam fugindo de seu controle. A jovem, então, passa a ter

recorrentes crises de estafa, tamanha a carga das cobranças. Nessa época, uma de suas alunas dá a ela o livro de Machado de Assis e indica a leitura do conto “O lapso”. Clara parece desinteressada por tudo, inclusive pelo livro, mas aceita e promete lê-lo. Começa a leitura do conto e se interessa por um de seus personagens, que perdera, seletivamente, parte de sua memória. A partir daí, Clara começa a agir de forma análoga, como se nenhum de seus compromissos fosse uma obrigação, ou sequer existisse.

No conto lido, “O lapso”, temos o caso de uma “doença” que afeta as pessoas fazendo com que elas se esqueçam de coisas específicas, criando uma memória seletiva que está intimamente ligada à realização de desejos reprimidos. Por exemplo, uma mulher que se esquece de que tem marido e o trai muitas vezes e um homem que esquece o significado de dívida e não paga mais nenhuma delas, casos bastante caricatos. Clara se torna cada vez mais negligente com suas responsabilidades e chega ao ponto de viajar e sumir durante vários dias. A família então a dá como desaparecida e seu rosto começa a passar em diversos jornais. Clara descobre sobre a repercussão de seu desaparecimento e decide continuar a leitura do conto até o fim, com a esperança de se inspirar a tomar alguma decisão sobre voltar ou não.

Sensibilizada com a situação, ao prosseguir com a leitura, começa a se enxergar no conto, mas agora vivendo os desejos que reprime, como o personagem em quem se inspira. No ápice dessa indecisão, pensa em como seria passar o ano novo no Japão, seu maior desejo, e procura casualmente a forma como se escreve “festa ano novo” em japonês. Descobre que o significado da expressão japonesa é “festa de esquecimento do ano”. Por fim, decide dar mais valor às próprias vontades, deixando de lado parte das demandas feitas pela família, estabelecendo, assim, uma forma mais equilibrada de lidar com as constantes cobranças. Volta para casa, mas viaja e passa o ano novo no Japão, longe da família. Já no fim do conto, o homem que fora curado de sua visão seletiva morre deixando um único devedor, quem mais o ajudara a recuperar a mente e a liquidar suas dívidas: o médico, que teve vergonha de cobrar por seus serviços. Coloca-se, então, ao fim do episódio, a questão das dívidas que não queremos levar para o leito de morte, gancho para o último episódio da temporada.

3.2.5. Episódio 5

O tema do último episódio é o desejo por cumprir alguma grande missão que dê significado à vida e o sentimento de fracasso advindo desse ideal, quando não realizado. Recém-

aposentado, Orlando sentia-se incrivelmente livre para fazer tudo o que quisesse. Nos primeiros meses de sua aposentadoria realiza todos os seus ambicionados planos: comer e dormir quando desejasse, ir à praia durante a semana, viajar e rever os amigos e parentes. Realizados estes desejos, Orlando é invadido por um forte sentimento de desânimo e vazio. Sente-se inútil, sem saber o que fazer. Começa a frequentar, então, o consultório de uma psicóloga, onde expressa seu desejo de realizar grandes coisas em vida, o que considera inviável em sua idade. Até que um dia, arrumando a casa, encontra um livro, que fora-lhe oferecido por uma jovem - Clara - na porta do INSS, logo depois de ter se aposentado. A princípio a jovem tentara vender o livro, mas Orlando recusou e ridicularizou sua tentativa de vender algo tão velho. E então, Clara, sem que ele percebesse, jogara o livro em sua bolsa. Orlando decide ler então o último capítulo do livro, que narra o conto “Cantiga de Esponsais”.

O conto trata da história de um músico, já na terceira idade, que não conseguia compor, embora se destacasse na regência de belíssimas músicas no coro de sua igreja. Seu maior anseio era deixar um legado, antes de partir, algo que engrandecesse sua vida, como uma bela composição. Durante a leitura, Machado faz comentários sobre seus próprios anseios por deixar algo para o mundo, que desse significado a sua vida. Os narradores divinos do terceiro episódio reaparecem nessa parte, comentando o destino do velho regente. Orlando reflete sobre os grandes nomes de homens que marcaram a história e que quiseram deixar algo de bom para trás. Pergunta-se sobre o real valor desse desejo e considera que as atuais formas de reconhecimento podem não ser as únicas formas possíveis de se sentir significativo. Por fim, rejeita completamente a ideia de uma suposta idade “inativa”, o que o leva a se engajar em novas tarefas, que considera importantes, mesmo na terceira idade.

4. AS PRÓXIMAS TEMPORADAS

4.1. A SEGUNDA TEMPORADA

A segunda temporada abordará, sobretudo, as correspondências de Machado com seus amigos. Nesse sentido, a série explora e desenvolve ficcionalmente as diferentes amizades alimentadas pelo escritor, por meio das correspondências, bem como de convivências com alguns desses correspondentes. A temporada acompanha algumas fases da vida do escritor, como casamento, empregos, tipos de produções literárias, conflitos com outros escritores e críticos de

sua obra, bem como algumas de suas opiniões políticas ou sobre o mundo. Foca nesses momentos e detalhes importantes de sua vida, sobretudo a partir de suas correspondências com esses amigos e da forma como as narra, para os diferentes correspondentes. Nessa temporada, a história de Machado, mantida em segundo plano, terá mais peso para o leitor de seu livro, mas ainda terá a participação menos importante dos contos, que se misturam a essas lembranças em torno do tema de cada episódio.

4.2. A TERCEIRA TEMPORADA

A terceira e última temporada conta o início e o fim da carreira do renomado escritor. Desvenda as secretas intenções que o personagem-autor tem ao criar o livro que envia para o futuro, além de partes indispensáveis dessa história. Narra as suas crises iniciais como escritor, em sua juventude, e também as derradeiras crises, por exemplo, quando foi levado a afastar-se do emprego. Nesse ponto, fala sobre como a chegada da terceira idade e a falta de uma função socialmente importante o levaram a repensar sua existência. A temporada, basicamente, contrasta esses dois momentos da vida do autor, mostrando o incentivo que recebera no início, paralelamente ao prestígio e reconhecimento que atinge, no fim da vida. Por fim, leva-nos a uma reflexão existencial junto com o escritor e fala sobre o desejo com o qual morreria de compartilhar toda a sua vida e descobertas com as próximas gerações. Tal desejo se concretiza por meio de sua obra, que continuou viajando, mesmo depois de sua morte, ainda que o próprio autor nunca em vida tenha saído de sua cidade natal. Nessa temporada, serão selecionados contos que conversem com esses estágios da vida de Machado, trabalhando-os paralelamente aos momentos de vida em que ele os escreveu, insinuando motivações e conflitos de cada período que se relacionem com as narrativas dos contos.

5. UNIVERSO DA SÉRIE

5.1. O LIVRO

Machado envia o livro, escrito à beira da morte, aos cuidados do cunhado, que mora no exterior. Seu objetivo é que o livro seja guardado ao longo das gerações de sua família e seja entregue a algum leitor - escolhido a dedo - somente no século seguinte, pelas mãos de algum dos

seus descendentes de maior confiança, que cuidadosamente poderia averiguar, ao final, a resposta dos leitores aos pensamentos e conjecturas do autor. O livro, porém, ganha vida própria, como pretendia, poeticamente, Machado. Ele nunca chega a seu destino, é extraviado durante anos e anos, ficando em depósitos por décadas, voltando a circular por locais desconhecidos e acabando por retornar ao local de origem, que, no século anterior, fora a tipografia de um amigo de Machado - local que o autor deixara registrado como remetente, devido à suas mudanças de residência, na época. O livro, de forma mágica, em consonância com o destino para o qual fora criado, vai parar nas mãos da estudante Luisa, para o qual teria grande significado, no primeiro conto. Subsequentemente, o livro-carta é passado adiante, sempre tendo, estranhamente, efeitos dramáticos sobre seus leitores-correspondentes, já que suas histórias conversam de forma profunda com as experiências de cada leitor. Ele é o último suspiro vivo de Machado, uma metáfora para a força de suas obras na desconstrução de visões de mundo, ou na evidenciação de ironias do comportamento humano, com seus estranhos segredos e infinitos significados. Na prática, o livro instiga com muita intensidade a imaginação dos leitores-personagens que se deparam com ele. O livro se vale de uma força de convencimento em sua linguagem, que tem por objetivo levar esses leitores a se enxergarem, mais cedo mais ou mais tarde, no lugar dos personagens dos contos machadianos.

5.2. O MUNDO CONTEMPORÂNEO, NA SÉRIE

A série se passa na cidade do Rio de Janeiro, estando aberta a algumas exceções. Alguns dos importantes pontos a serem ressaltados no universo da série, que se passa no mundo contemporâneo, são: a constante utilização de meios eletrônicos para comunicação; o ritmo acelerado de vida com a enorme quantidade de demandas por produtividade e a circulação intensa de informações; a busca por aceitação nas redes sociais, com enfoque na crescente importância da construção de uma imagem de si atrativa; a crescente demanda por um corpo perfeito; as diferentes formas de cultura que se expressam nas redes sociais, em contraste com a dificuldade de comunicação das gerações mais jovens com as mais velhas, que não acompanham as rápidas mudanças expressas nesses meios; o desejo pela visibilidade.

APÊNDICE B – Roteiro do piloto da série: Espelho Partido

ESPELHOS MACHADIANOS

Piloto: Espelho Partido

Por
Bruna Aguiar

Baseado no conto “O espelho”
de Machado de Assis

bruna.aguiar@gmail.com

Rio de Janeiro/ RJ

2016